



FOLHA DOMINICAL

DOMINGO V DO TEMPO COMUM

Primeira Leitura (Is 58, 7-10)

Eis o que diz o Senhor: «Reparte o teu pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante. Então a tua luz despontará como a aurora e as tuas feridas não tardarão a sarar. Preceder-te-á a tua justiça e seguir-te-á a glória do Senhor. Então, se chamares, o Senhor responderá, se O invocares, dir-te-á: 'Aqui estou'. Se tirares do meio de ti a opressão, os gestos de ameaça e as palavras ofensivas, se deres do teu pão ao faminto e matares a fome ao indigente, a tua luz brilhará na escuridão e a tua noite será como o meio-dia».

Partimos de um oráculo profético que apresenta uma queixa do Senhor contra o povo a propósito do jejum (Is 58,1-12). Esta era uma das principais práticas da piedade judaica, aqui relacionada com as suas exigências mais profundas. Está ligada à procura da vontade do Senhor, que fica obscurecida por comportamentos injustos. Perante uma prática ritualista do jejum, o profeta descreve o verdadeiro jejum que Deus espera: libertar da opressão, dar de comer ao faminto, vestir o nu e evitar a calúnia. Nestas condições, o Senhor faz-Se presente e acompanha o caminho do seu povo, tornando-Se para ele luz que guia e sustenta. O Salmo 111 estrutura-se em torno de uma bem-aventurança dirigida àqueles que observam uma determinada conduta, concretamente especificada. Está relacionada com o comportamento para com o próximo, sobretudo no que diz respeito à compaixão, à generosidade e à justiça nos negócios. Os frutos serão a boa reputação, a segurança que nasce da confiança em Deus e a vitória sobre os adversários. Sublinha-se ainda que a generosidade do justo para com os pobres é inesgotável e uma atitude permanente e estável. O gesto de levantar a cabeça com dignidade refere-se à honra que aquele que assim procede conservará. Trata-se do retrato do justo que imita Deus.

Segunda Leitura (1 Cor 2, 1-5)

Quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com sublimidade de linguagem ou de sabedoria a anunciar-vos o mistério de Deus. Pensei que, entre vós, não devia saber nada senão Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Apresentei-me diante de vós cheio de fraqueza e de temor e a tremer deveras. A minha palavra e a minha pregação não se basearam na linguagem convincente da sabedoria humana, mas na poderosa manifestação do Espírito Santo, para que a vossa fé não se fundasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.

Paulo recorda aos coríntios a forma como se apresentou diante deles: sem «sublime

eloquência», «fraco e cheio de temor». Esta autoapresentação não corresponde totalmente à imagem de Paulo que transparece nas suas cartas, onde revela grande capacidade comunicativa e domínio dos recursos literários e retóricos do seu tempo. Provavelmente, trata-se de um recurso retórico de rebaixamento, com o objetivo de sublinhar a mensagem que quer transmitir: o Evangelho foi-lhes dado a conhecer através de uma intervenção surpreendente de Deus. A fé que receberam não dependeu da sua sabedoria nem da sua capacidade de persuasão, mas da ação de Deus, que atuou apesar da - e através da - sua fraqueza, erros e limitações. O poder transformador de Deus manifestou-se por meio de um instrumento frágil e limitado; do mesmo modo, também eles, fracos e limitados, puderam experimentar os seus efeitos. É em Jesus Cristo crucificado que acontece a experiência que permite ao crente aceder a uma sabedoria que, parecendo fraqueza, tem capacidade de transformar a pessoa e a comunidade. Paulo reafirma assim que a sabedoria humana é, na verdade, loucura e revela-se ineficaz para a salvação. As origens desta comunidade estão também ligadas a uma forte consciência da ação do Espírito, cuja força se manifestou claramente no anúncio feito por Paulo entre os coríntios.

Evangelho (Mt 5, 13-16)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Vós sois o sal da terra. Mas se ele perder a força, com que há de salgar-se? Não serve para nada, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende uma lâmpada para a colocar debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, onde brilha para todos os que estão em casa. Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus».

O Evangelho deste domingo segue-se à proclamação das bem-aventuranças e contém duas advertências dirigidas àqueles que desejam compreender a mensagem de Jesus e fazer parte da comunidade dos seus seguidores. Alerta para dois perigos: o de perder o sentido último do seguimento (como o sal que perde o sabor) e o de esconder a missão (como a luz que não se coloca no alqueire). Estas palavras relacionam-se com a nona bem-aventurança (Mt 5,11-12), que difere das anteriores por se dirigir diretamente aos destinatários e por explicitar a situação adversa em que se encontram. Mesmo nessas circunstâncias, devem continuar a ser sal e luz. Na Antiguidade, o sal era um bem muito precioso, chegando mesmo a ser utilizado, por vezes, como forma de pagamento aos soldados. Ao dizer aos discípulos que são o «sal da terra», Jesus elogia-os, mas ao mesmo tempo adverte-os do perigo de serem lançados fora se não levarem ao mundo a novidade do Evangelho. O segundo dito aponta para algo impossível: esconder uma cidade situada no alto de um monte. Tal como isso não pode acontecer, também eles não podem deixar de ser luz se quiserem manter o sentido do seu seguimento. Esta imagem relaciona-se com a prática das «boas obras», que os discípulos devem manter mesmo em situações de dificuldade. Essas obras são apresentadas como testemunho visível diante dos homens e servem de introdução à parte seguinte do Sermão da Montanha, onde será aprofundado o seu sentido e alcance.

Deus nas letras humanas

Uma pequenina luz bruxuleante
não na distância brilhando no extremo da estrada
aqui no meio de nós e a multidão em volta(...)
Apenas brilha bruxuleia ondeia
indefetível próxima dourada.
Tudo é incerto ou falso ou violento: brilha.
Tudo é terror vaidade orgulho teimosia: brilha.
Tudo é pensamento realidade sensação saber: brilha.
Tudo é treva ou claridade contra a mesma treva: brilha.
Desde sempre ou desde nunca para sempre ou não:
brilha.
Uma pequenina luz bruxuleante e muda
como a exatidão como a firmeza
como a justiça.
Apenas como elas.
Mas brilha.
Não na distância. Aqui
no meio de nós.
Brilha

Jorge de Sena

Avisos Paroquiais | 8 a 15 de fevereiro

08 | V Domingo comum

09 | Reunião Comissão Permanente do Conselho Paroquial | 21:30

10 | Reunião da Direção do Agrupamento de Escuteiros | 21:30

11 | Dia Mundial do Doente

Recoleção com o Evangelho | Igreja Matriz | 21:30

14 | Visita aos doentes - Dia Mundial do doente

15 | VI Domingo comum

18 | Quarta-feira de Cinzas

Eucaristia | Igreja Matriz | 16:00 e 21:30

19 | Conselho Económico | 21:30

20 | Noite de oração em família | Igreja Matriz | 21:30

21 | Retiro quaresmal da Adolescência e Pastoral Juvenil

Encontro de Oblatos de São Bento | Salão Paroquial | 15:30

22 | Primeiro Domingo da Quaresma